



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO (CEDUC)
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JACIENE JOAQUIM DA SILVA

**ALFABETIZAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PROGRAMA RESIDÊNCIA
PEDAGÓGICA/UEPB**

**CAMPINA GRANDE
2022**

JACIENE JOAQUIM DA SILVA

**ALFABETIZAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PROGRAMA RESIDÊNCIA
PEDAGÓGICA/UEPB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba como requisito à obtenção do título de graduação em Pedagogia.

Área de concentração: Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva, Jaciene Joaquim da.
Alfabetização em tempos de pandemia [manuscrito] : um relato de experiência no programa residência pedagógica/UEPB / Jaciene Joaquim da Silva. - 2022.
53 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Alfabetização. 2. Residência pedagógica. 3. Ensino remoto. I. Título

21. ed. CDD 372.6

JACIENE JOAQUIM DA SILVA

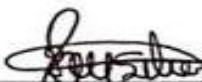
ALFABETIZAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PROGRAMA RESIDÊNCIA
PEDAGÓGICA/UEPB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba como requisito à obtenção do título de graduação em Pedagogia.

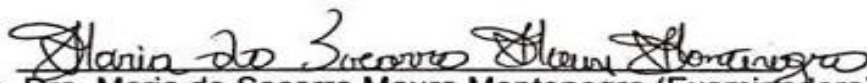
Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 01/12/2022.

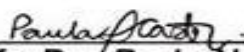
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Valdecy Margarida da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Paula Almeida de Castro (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha avó e meu avô, por todo amor e incentivo, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, O dono da vida que plantou determinação em meu coração para ir além do que eu podia imaginar para realizar meus sonhos. Os sonhos de Deus são maiores e melhores que os nossos. Por todo livramento, saúde e por não me deixar desistir quando tudo parecia tão difícil.

A toda minha família, em especial aos meus avôs Dona Neci e Sr. Bida, que de uma forma tão simples e cuidadosa me impulsionaram e ajudaram nessa caminhada. Sou a primeira pessoa da minha família a concluir o ensino superior. Que através do meu exemplo outras pessoas adentrem na Universidade.

Ao meu esposo Ricardo, que não mediu esforços para me apoiar, dar suporte e ser companheiro. Obrigada por toda paciência e compreensão ao longo de todos esses anos.

Aos meus amigos de infância que sempre estiveram comigo trazendo alegria e apoio, Aleff, Carla e Rute e em especial minha amiga Juliana, por acreditar em mim nas vezes que nem eu mesma acreditava que daria certo. Vocês são um verdadeiro exemplo de bons amigos.

Meus agradecimentos também a todas as pessoas que tive o imenso prazer de conhecer e caminharam comigo por esses longos anos da minha vida escolar e carreira acadêmica, professores, colegas de turmas, Coordenação do curso de Pedagogia e todos que fazem a Universidade Estadual da Paraíba, que por muitos anos fiz minha segunda casa.

A minha querida professora e orientadora, Dra. Valdecy Margarida da Silva, por acreditar em meu trabalho, por toda contribuição, paciência, dedicação e por demonstrar que para além dos conteúdos podemos construir laços afetivos na relação aluno e professor. Você foi essencial em minha formação!

A escola EMEF Roberto Simonsen, campo onde desenvolvemos as atividades do Programa de Residência Pedagógica e os profissionais que dela fazem parte, em especial a nossa professora preceptora Silvana Neves, que além de deixarmos entrar em sua sala de aula, nos deu suporte e sempre estava em prontidão para sanar qualquer dúvida em questão.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior (CAPES), por meio da Diretoria de Educação Básica (DEB), pelo apoio e concessão da bolsa de formação de professores do Programa de Residência Pedagógica.

A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem.

(Paulo Freire, 1967)

RESUMO

Apresenta-se, neste trabalho, um relato de experiência de conclusão de curso relacionado à experiência no Programa Residência Pedagógica (CAPES), com o processo de formação dos futuros professores a partir da imersão do/a licenciando/a na escola da educação básica com alunos em processo de alfabetização, no subprojeto de Pedagogia/Alfabetização da Universidade Estadual da Paraíba (Campus I Campina Grande PB). O mesmo tem por objetivo o relato das ações e os resultados de forma descritiva e reflexiva desenvolvida nas práticas de alfabetização e letramento, com turmas de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Campina Grande-PB. Em função da Pandemia do Covid19 e das medidas de prevenção, o campo educativo precisou se adaptar a um novo contexto enfrentando a realidade e os desafios da falta de suporte tecnológico, considerando que a mediação entre professores, alunos/as e residentes ocorreu a partir do Ensino Remoto Emergencial (ERE) com o auxílio das TICs. Trata-se de um relato de experiência de metodologia qualitativa com caráter exploratório. Entendemos que mesmo com toda limitação econômica e social enfrentada, foram possíveis grandes contribuições no aperfeiçoamento da prática docente dos residentes e no processo de alfabetização dos/as alunos/as da escola campo.

Palavras-Chave: Alfabetização. Residência Pedagógica. Ensino remoto.

ABSTRACT

This work presents a report on the experience of completing a course related to the experience in the Pedagogical Residency Program (CAPES), with the process of training future teachers from the immersion of the student in the basic education school with students in the literacy process, in the Pedagogy/Literacy subproject of the State University of Paraíba (Campus I Campina Grande PB). It aims to report the actions and results in a descriptive and reflective way developed in literacy and literacy practices, with 4th and 5th grade classes of Elementary School in a public school in the city of Campina Grande-PB. Due to the Covid19 Pandemic and preventive measures, the educational field had to adapt to a new context, facing the realities and challenges of the lack of technological support, considering that the mediation between teachers, students and residents occurred from Teaching Emergency Remote (ERE) with the help of ICTs. This is an experience report of qualitative methodology with an exploratory character. We understand that even with all the economic and social limitations faced, great contributions were possible in improving the teaching practice of the residents and in the literacy process of the students of the rural school.

Keywords:Literacy. Pedagogical Residence. Remote teaching.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	Alfabetização: princípios e processos.....	12
2.1	Alfabetizar letrando: o desafio da escola.....	21
3	Educação na pandemia Covid-19: realidade e desafios.....	28
4	METODOLOGIA.....	33
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	34
5.1	Contextualização da prática.....	34
5.2	Formação e planejamento.....	35
5.3	Descrição das atividades realizadas durante a regência na escola.....	39
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
	REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

O Programa Residência Pedagógica (PRP) vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento e Capacitação no Ensino Superior CAPES, em linhas gerais, tem por objetivo contribuir com o processo de formação dos futuros professores a partir da inserção do/a licenciando/a na escola da educação básica, promovendo uma maior interação entre teoria e prática, uma vez que o/a aluno/a poderá participar mais ativamente do processo de ensino aprendizagem vivenciado em sala de aula, sob a orientação do professor preceptor da escola básica e do professor orientador da Universidade. Possibilitando pensar a formação de professores como algo contínuo e permanente, pois a realidade é dinâmica e exige readequações didáticas constantemente.

Em virtude da Pandemia vírus SARS-CoV-2, causador da Covid-19, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou, em março de 2020, que o mundo vivenciava um contexto de pandemia da doença. Em função do alto poder de contágio e da letalidade do vírus, algumas medidas sanitárias foram decretadas no país, entre as quais isolamento e distanciamento social entre as pessoas como medida sanitária para conter o avanço do contágio do vírus. No âmbito educacional, tais medidas resultaram no fechamento de escolas e universidades, provocando um repensar no modelo de oferta do ensino, cuja mediação passou a ser a través da tecnologia da informação e comunicação, Vale salientar que, quando da aprovação do Edital 003/2020 dos Programas Residência Pedagógica e Programa de Bolsas de Iniciação à Docência, ainda vivíamos em contexto de normalidade, ou seja, não existiam as restrições sanitárias impostas pela pandemia do novo Coronavírus.

A mudança no modelo de ensino presencial, dada a impossibilidade de realização de atividades escolares presenciais em decorrência da pandemia de Covid-19, exigiram readequações no modelo de ensino e reaprender o fazer docente, que passou a ser ofertado de forma remota para que as atividades acadêmicas escolares não sofressem interrupção. Tal modelo ficou conhecido como Ensino Remoto Emergencial ERE. A edição do edital 2020/2022 do programa Residência Pedagógica teve que se adaptar e se adequar ao ensino remoto, modelo adotado pelas instituições escolares durante a pandemia. Dentro desse novo contexto, a Coordenação geral do Programa Residência Pedagógica professores/asPRB orientou os/as coordenadores/as de área, os preceptores/as e

bolsistas/residentes a se envolverem e se comprometeram com a busca de propostas que pudessem contribuir tanto com as escolas, quanto com a própria formação dos/as licenciados/as.

O subprojeto Alfabetização Curso Pedagogia UEPB Campus I, deu ênfase aos processos de Alfabetização e Letramento que, segundo Magda Soares (2003): “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno.” Ou seja, as ações em torno da Alfabetização e Letramento precisam ser vistas como práticas sociais de forma sistemática onde uma faz ligação com a outra e que não existe pré-requisito e se faz ao mesmo tempo e introdução no processo de escolarização. O exemplo dos demais subprojetos teve que ser readequado para ser trabalhado no modelo do ensino remoto “a CAPES autorizou a realização das atividades de forma remota, de acordo com as indicações de cada Secretaria de Educação, nesse sentido, a experiência de alfabetizar à distância ganhou contornos de um desafio ainda maior para os participantes do subprojeto” (BARBOSA, 2022, p. 21).

As turmas do ensino fundamental, a utilização de mídias e aplicativos digitais, como Google Meet, Google Classroom e WhatsApp, comumente usados nas séries mais avançadas, era praticamente inviável, dada a idade das crianças e as questões socioeconômicas. Vale salientar também que além da dificuldade da utilização de aplicativos digitais pelas crianças, nos deparamos com a maior delas que foi a falta de acesso aos recursos tecnológicos e internet, tanto pela escola, quanto pelos/as alunos/a.

Partindo dessa problemática, o presente trabalho busca, através do relato de experiência no subprojeto de Pedagogia/Alfabetização do Programa Residência Pedagógica (CAPES), no período de Outubro de 2020 à Março de 2022 na Escola Municipal de Ensino Fundamental Roberto Simonsen, situada na cidade de Campina Grande- PB (no qual fui bolsista), refletir sobre a realidade e os principais desafios de alfabetizar crianças no contexto de ensino remoto e que mesmo com tais limitações, a experiência proporcionada foi de fundamental importância para a compreendermos a complexidade do fazer docente. Os relatores em seguidas foram de vivência individual e coletivas, sempre com embasamento teórico fazendo ligação teoria e adequação à prática para um melhor processo de Alfabetização e Letramento, sinalizando a importância do conhecimento para a formação e atuação

do professor. Neste sentido, no presente relato, discutimos os processos de alfabetização e letramento, abordamos o ensino remoto como alternativa de educação para os tempos pandêmicos e relatamos a experiência vivenciada no Programa nos eixos formação, planejamento e regência. Por fim, tecemos nossas considerações finais sobre a experiência.

2 ALFABETIZAÇÃO: PRINCÍPIOS E PROCESSOS

As práticas pedagógicas carregam dentro de si ideias que delineiam e orientam os processos de ensino, aprendizagem e integralmente as atividades didáticas pedagógicas no ambiente de sala de aula. Entendemos que toda prática educativa é expressão de uma teoria do conhecimento. Dessa forma, gradativamente o aporte de novas teorias, novas produções e indagações, adentram no campo educacional e carrega consigo metodologias variadas para ser aplicado no processo de ensino e aprendizagem. Sobre o cenário da alfabetização é perceptível a composição de variadas concepções, como por exemplo, as tradicionais de alfabetização, que persistem historicamente até atualmente se encontra presente suas concepções, práticas e influências quando se trata de alfabetização.

Os processos de ensino partindo das concepções tradicionais são dados por uso de metodologias que buscavam facilitar a aprendizagem, que utilizam sequências rígidas como repetições, fixações e cópias. Freitas (1985) afirma que: “Essa repetição é puramente mecânica: nenhuma pergunta, nenhum desafio é lançado à criança, nada que desequilibre seu raciocínio, nenhuma palavra que possa levá-la à reflexão.” E que por essas causas foram formuladas opiniões contrárias e críticas sobre sua funcionalidade. Para Soares (2004), as metodologias devem compreender o ensino do sistema escrito e complementar as práticas sociais de leitura e escrita

. Dos métodos tradicionais de ensino da leitura e da escrita utilizados para alfabetizar, podemos enfatizar dois grandes grupos, os métodos analíticos e métodos sintéticos. Os métodos sintéticos são aqueles que começam a partir dos mais simples elementos do idioma (fonemas, sílaba, letra) para construir palavras, frases, textos (unidades maiores e “mais” significativas). Esse método apresenta algumas limitações, já que não explora as semelhanças e as diferenças entre a fala e a escrita. Sendo assim, descontextualizando a escrita, seus usos e suas funções sociais. Os métodos sintéticos podem ser apresentados em três abordagens de ensino: podendo ser em alfabéticos ou de soletração, fonético e silábico.

O método alfabético ou de soletração objetiva ensinar a criança a aprender as letras, a ordem e memorização alfabética, a soletração e combinações silábicas. Nessa forma de ensino, que é privilegiada a memorização, a relação entre a fala (grafema) e a escrita (fonema) é negligenciado (FRADE, 2007). Por outro lado, no método fonético o ensino se inicia pela forma e pelo som das vogais, seguidas pelas consoantes “cada letra é aprendida como um fonema (som) que junto a outro fonema, pode formar sílabas e palavras”(FRADE, 2007, p. 03). No método silábico, se caracteriza pela apresentação visual de sílabas prontas, apresentam-se a forma e o nome das vogais, seguido das combinações vocálicas e da combinação entre vogais e consoante, posteriormente, utilizadas para a formação de palavras (CORRÊA, 2003, p. 31).

Em consideração a isto, Morais (2006) evidencia que nos métodos sintéticos tem em sua composição de origem marcado pela concepção empirista, na qual a aprendizagem da língua escrita é vista como um processo cumulativo, usando da percepção e da memorização. Através do realce do isolamento auditivas, visuais e em fonemas-grafemas, que são transmitidos e repassados. “O processo de aprendizagem de leitura é visto simplesmente como uma associação entre respostas sonoras a estímulos gráficos” (FERREIRO; TABEROSKY, 1985, p.20).

É próprio das teorias empiristas da aprendizagem reduzir o conhecimento à mera cópia passiva da realidade, ao passo que a verdadeira explicação do desenvolvimento cognitivo deve centrar-se nas inovações ou invenções. (BECKER, 1983, p.23)

A procura de superar as instruções empiristas, o método analítico traz consigo questões de ensino, o reconhecimento global do texto palavra para em seguida a divisão de unidades menos. Nessa perspectiva, nos métodos analíticos o ensino se desenvolve em processos de palavração, sentencição e contos. Ela entende a escrita como objeto a ser memorizado. Sendo o método de palavração o ensino parte da observação da palavra. “em suas aplicações, as figuras podem acompanhar as palavras, no início do processo, e sua repetição garante a memorização. Ao mesmo tempo em que são incentivadas estratégias de leitura” (FRADE, 2007, p.5).

No método de sentencição, a unidade de análise é a sentença que depois de reconhecida e compreendida, é decomposta em palavras e posteriormente em sílabas. No método global, o ensino começa pelo texto. Só depois de o aluno ter um contato intenso (percepção visual) com uma história é que o material será fragmentado em frases e palavras, para que os alunos identifiquem as partes decompostas. A leitura silenciosa e a cópia são consideradas importantes nesse método. (FRADE, 2007).

Partindo da concepção associacionista na qual a aprendizagem é dada através de um processo de associação de ideias, das mais simples às mais complexas, Barbosa (1994) compreende que o ensino da leitura e escrita está como “um comportamento complexo, que pode ser subdividido em uma cadeia de comportamentos simples; através do controle de respostas obtidas a partir dos estímulos apresentados, progressivamente, a criança aprende a ler e escrever”. Desse modo, as opiniões sobre as concepções empiristas e associacionistas estiveram em centro nas reflexões na educação e na alfabetização.

Como consequência das reflexões, exigências e repercussões sociais, as discussões relacionadas à alfabetização foram crescendo, as necessidades de compreender de como a criança aprende e não mais como ponto de partida como se ensina, foi desenvolvendo novas concepções e práticas de alfabetização. Reduzindo não apenas em habilidades de codificação (ou representação escrita de fonemas em grafemas) e decodificação(ou representação oral de grafemas em fonemas), mas passar a olhar a alfabetização como “ uma relação entre educandos e o mundo, mediada pela prática transformadora desse mundo, que tem lugar precisamente no ambiente em que se movem os educandos ” Freire e Macedo (1990,p.12).

O professor precisa conhecer os aspectos e mecanismos pela qual a criança chega ao desenvolvimento do conhecimento, de forma autônoma, crítica e analítica para aplicar o método que corresponde a necessidade individual do aluno, de acordo com a situação e o contexto social, não havendo um único ou melhor método, levando em consideração que o método em si não garante a aprendizagem, mas sim ferramenta necessária no trabalho pedagógico. Mortatti (2006, p. 01) afirma que:

Em nosso país a história da alfabetização tem sua face mais visível na história dos métodos de alfabetização, em torno dos quais, especialmente desde o final do século XIX, vêm-se gerando tensas disputas relacionadas com “antigas” e “novas” explicações para um mesmo problema: a dificuldade de nossas crianças em aprender a ler e a escrever, especialmente na escola pública. Visando a enfrentar esse problema e auxiliar “os novos” a adentrarem no mundo público da cultura letrada, essas disputas em torno dos métodos de alfabetização vem engendrando uma multiplicidade de tematizações, normatizações e concretizações, caracterizando-se como um importante aspecto dentre os muitos outros envolvidos no complexo movimento histórico de constituição da alfabetização como prática escolar e como objeto de estudo/pesquisa.

O construtivismo estudado por Jean Piaget apresenta a construção do conhecimento não como dado pronto, mas resultado de um processo de relação mútua entre a realidade e o sujeito, ou seja entre o objeto do conhecimento e o sujeito. Piaget (1987), em sua teoria do conhecimento, defende a autonomia como um objetivo do processo educativo, a aprendizagem com assimilação e acomodação de objetos de conhecimento a estruturas mentais, o aluno como sujeito ativo, o professor como planejador e problematizador de investigações e descobertas, a escola em seu papel possibilitadora de situações em que a criança faça uso de experimentação, investigações e descobertas.

O pensamento pedagógico do educador Paulo Freire apresenta um método de conhecimento na qual precisa ser compreendida a partir do contexto sócio-histórico, no qual a criança em processo educativo crie conhecendo e que conheça criando, possibilitando ação e reflexão da realidade a qual o sujeito está inserido no processo de conhecimento. A educação permitindo a construção da consciência crítica, a escola como um espaço social de conscientização, o educador como mediador e a relação com o educando é vista como horizontal, o educando como sujeito do processo educativo. De acordo com Freire (1980):

O caráter inacabado dos homens e o caráter evolutivo da realidade exigem que a educação seja uma atividade contínua(...). A educação problematizadora - que não aceita nem um presente bem conduzido, nem um futuro predeterminado- enraiza-se no presente dinâmico e chega a ser revolucionária. (p.811).

Ação e reflexão como aporte para o conhecimento, faz possível o encontro de Piaget e Freire. Para Becker (1983), “a aprendizagem mediante construções e tomadas de consciência, ação e reflexão, uma aprendizagem pela práxis construída tanto pelo educando, quanto pelo educador: uma aprendizagem ativa, operatória” (p.1). Ambos sugerem um educador que problematize o conhecimento e a realidade, onde seja possível que no processo educativo o espaço propicia para recriar e ao mesmo tempo construir o conhecimento. No aporte Construtivista, a língua escrita é entendida como um conhecimento apropriado pelo sujeito à medida que se torna objeto da sua ação e reflexão. Para Ferreiro (1987):

Nenhuma prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem. São provavelmente essas práticas(mais do que métodos em si) que têm efeitos mais duráveis, a longo prazo no domínio da língua escrita como em todos os outros domínios. Conforme se coloque a relação entre sujeito e objeto de conhecimento e conforme caracterize a ambos, certas práticas aparecerão como normas ou aberrantes(p.31).

Novas contribuições e discursos foram postas sobre o processo de alfabetização a partir da década de 1980 pois, até então considerava que a aprendizagem dependia exclusivamente do método usado. Segundo Ferreiro(2001), era considerado que a leitura e a escrita processava-se em fatores externos perante um sujeito passivo logo a língua escrita era vista como “ um objeto imutável (não como o produto de uma prática histórica) e como um objeto ‘em si’ (não como um poderoso instrumento nas ações sociais)” (p. 22-23). Porém, colaborações de pesquisas de diversas áreas como as dadas através da psicologia, psicolinguística, linguística e Pedagogia de forma interdisciplinar foi possível novos rolls para as práticas pedagógicas do alfabetizador, superação dos impasses no processo de aprendizagem(principalmente quanto alfabetização) rompendo com os métodos tradicionais que o senso comum reproduzia, passando o foco em que como a criança aprendia, não mais apenas como ensinar. Ferreiro e Teberosky (1986):

O sujeito que conhecemos através da teoria de Piaget é um sujeito que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia e trata de resolver as interrogações que o mundo coloca. Não é um sujeito que espera que alguém que possui um conhecimento o transmita a ele, por um ato de benevolência. É um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo e que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo que organiza seu mundo(p.26).

A Psicogênese da língua escrita desenvolvida por Emília Ferreiro e colaboradores estudou como as crianças se apropriam da cultura escrita, que a partir da escrita espontânea a criança pensa sobre as regras que constituem o sistema de escrita, apresentou também que a aprendizagem é resultado de um processo de construção cognitiva que acontece pela interação do sujeito com a escrita enquanto objeto de conhecimento culturalmente contextualizado, propôs instrumento ao professor para analisar os conhecimentos linguísticos das crianças.

A modificação de paradigmas de método, conforme Soares (1989), está também configurada pelo fracasso escolar no desenvolvimento da alfabetização, nos altos índices de evasão escolar, repetência e reprovação nos primeiros anos de escolarização. O fracasso escolar estava ligado a “incapacidade de aprender” sendo o aluno por vezes responsável pelo fracasso escolar. Ferreiro e Teberosky (1986) relacionam reprovação, repetência e evasão, como circunstâncias idênticas para o “recomeço”:

Reiterar uma experiência de fracasso em condições idênticas, não é, por acaso, obrigar a criança a repeti-lo? Quantas vezes um indivíduo pode repetir seus erros? Supomos que tantas quantas sejam necessárias até que abandone o propósito. (p.18).

A ruptura de tais métodos traz a ideia que a criança não era mais um espectador passivo ou receptor mecânico, mas autor na sua própria construção de aprendizagem. Segundo Ferreiro (2001), desde o nascimento as crianças são construtoras de conhecimento, sendo possível agregar seus próprios valores históricos e culturais e o “saber” que o aluno traz em seu cotidiano. Considerando que quando a criança inicia o processo de apropriação da língua, ela já tem uma concepção própria sobre o mundo e já sabe se comunicar com o outro

Quando a criança entra na escola, já domina a língua falada, aprendida na convivência da comunidade em que nasceu. A variedade da língua que a criança pobre usa é tão complexa como qualquer outra, com regras

precisas. O que ela desconhece é a forma ortográfica das palavras que cabe à escola ensinar. (Garcia, 1988).

Outro obstáculo enfrentado pelo uso exclusivo de metodologias e instrumentalização técnica para aprendizagem, foram os analfabetos funcionais. Pessoas que, embora reconheçam letras, números e palavras, são incapazes de interpretar e compreender textos simples e na produção textual. Na concepção que a língua escrita era um conjunto de significantes sem significados, como uma cópia, e a leitura como ato de decifração. Perdendo, assim, sua função social e resultando em uma aprendizagem sem significado. Ferreiro (1987) observa que:

A escrita é importante na escola, porque é importante fora da escola. Mas a instituição escolar, ao apropriar-se desse objeto social de ensino, o converteu em um objeto de ensino, ocultando seu uso social. Restituir à escrita seu caráter de objeto social é uma tarefa muito grande que, por si só, cria uma ruptura com as práticas e as competições didáticas tradicionais.

Nesse sentido, Emília Ferreiro superou as opções em torno de métodos de ensino, ou seja, não se atribui nenhuma metodologia específica. Porém, investigou e introduziu discussões e aspectos relevantes na construção do processo aprendizagem da escrita, como a criança se apropria do conhecimento sobre a língua escrita. O produto dos seus estudos, junto de Ana Teberosky, foram novas contribuições para o ensino, a psicogênese da língua escrita (1985), no qual resultou na grande relevância que a perspectiva construtivista proporciona à aprendizagem.

Para Mortatti (2000), em decorrência dessas contribuições foi possível um novo olhar sobre o conceito das práticas tradicionais, “um novo paradigma para a interpretação do modo pelo qual a criança aprende a ler e a escrever” (AZENHA, 2006, p.42-43), onde antes era vista como único caminho para ser seguido até chegar a prática eficaz. Para Moll (2009), “Não se trata de negar a importância da intervenção didática-pedagógica do professor no processo de aprendizagem da lectoescrita, mas redimensioná-la, verificando que tipo de ação docente pode colaborar nessa aprendizagem”.

Na procura por entender como a criança desenvolve a linguagem escrita, Ferreiro e Teberosky (1985) constataram que a criança passa por um caminho evolutivo até chegar à escrita alfabética, um processo complexo e multifacetado, que ocorre quando esses estudantes se apropriam do sistema de escrita alfabética, que

considera que os erros cometidos anteriormente na grafia(partindo do construtivismos), são produções para se compreender o sistema alfabético, que são através dos primeiros rabiscos que a criança faz a apropriação do alfabeto e se comunica com o mundo . "A escrita produzida é fruto da aplicação de esquemas de assimilação ao objeto de aprendizagem (a escrita), formas utilizadas pelo sujeito para interpretar e compreender o objeto" (AZENHA, 2006, p.45).

Sendo possível nesse movimento cognitivo de desenvolvimento infantil três períodos e estratégias para apropriação da escrita:"1. Distinção entre o modo de representação icônico e não-icônico; 2. A construção de formas de diferenciação (eixos qualitativo e quantitativo); 3. E a fonetização da escrita (que se inicia com um período silábico e culmina no período alfabético)" (FERREIRO, 1989, p.19). Conforme Grossi(1990):

Quando alguém se alfabetiza, percorre uma trajetória à qual é dado o nome de psicogênese da alfabetização. A psicogênese se caracteriza, neste caso, por uma sequência de nível de concepção dos sujeitos que aprendem. Estes níveis são ligados a uma hierarquia de procedimentos, de noções e de representações, determinada pelas propriedades das relações e das operações em jogo(p.54-55).

A alfabetização acontece por meio de estágios, em que cada estágio apresenta particularidades e expressa o que a criança está passando, onde é necessário que o professor identifique qual estágio a criança se encontra para assim fazer intervenções significativas para que a criança avance de um estágio para outro até que esteja alfabetizada e seja habilitado de transmitir com eficiência seu desejo com o mundo por intermédio da escrita. Para interagir com o outro, a linguagem deve ter significados e expressar de forma clara o que pretende comunicar. Para Ferreiro e Teberosky (1986):

(...) temos uma imagem empobrecida da língua escrita:é preciso reintroduzir, quando consideramos a alfabetização, a escrita como um sistema de representação da linguagem. Temos uma imagem empobrecida da criança que aprende: a reduzimos a um par de olhos, um par de ouvidos, uma mão que pega um instrumento para marcar e um aparelho fonador que emite sons. Há, atrás disso, um sujeito cognoscente, alguém que pensa, que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu. (p.40)

Os dois primeiros níveis denominam-se pré-silábico. No nível pré-silábico 1, escrever consiste em reproduzir os traços típicos que a criança identifica como escrita, se caracteriza pela diferença entre a representação icônico e não icônico, isto é, desenho e escrita. Ao alternar o desenho e a escrita, a criança constata que existem diferenças entre esses elementos, “registro do significado ou registro de palavras?” (AZENHA, 2006, p.75). Consequentemente, atribui significados e justificativas à escrita produzida.

Nesse período, a criança já se encontra fazendo um esforço de forma intelectual para desenvolver propriedades no interior das palavras. Que posteriormente serão de total importância para o próximo estágio. Usam de várias formas para atribuir significados à escrita, mas ainda entendem a relação entre fala e escrita. Nesse estágio, a preocupação da criança reside em estabelecer certa quantidade de caracteres e na importância de traçar diferenças internas nas palavras (FERREIRO, 1989, p.20).

O segundo estágio se inicia quando a criança passa a perceber que a escrita pode representar a fala. No período silábico, acontece a atribuição de um valor silábico a cada registro escrito. Posteriormente, acontece que a criança compreende a relação entre letras e sons, corresponde assim ao período silábico-alfabético. “É um momento de transição, em que a criança, [...] ensaia em alguns segmentos a análise da escrita como fonemas” (AZENHA, 2006, p.91). No nível alfabético, encontram-se as possibilidades de contribuição do sistema de escrita, onde se é capaz de analisar os fonemas das palavras produzidas. Na descoberta da escrita alfabética, Ferreiro e Teberosky (1986) afirmam que: Ao chegar a este nível, a criança já franqueou a “barreira do código”;

compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba, e realiza sistematicamente uma análise dos fonemas das palavras que vai escrever. Isso não quer dizer que todas as dificuldades tenham sido superadas; a partir desse momento a criança se defronta com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita, no sentido estrito (p.213).

Partindo dessa explanação, acredita-se que a criança desenvolve esquemas cognitivos, constrói sistema de representação para compreensão e aprender a dizer-se e a dizer sobre o seu mundo. A escrita como objeto historicamente construído, usado na representação do seu dia a dia, sua função social representada nas múltiplas possibilidades de relação.

O novo olhar sobre o processo de como a criança aprende a língua acarretou mudanças também sobre o entendimento e o pensamento da escrita como meio de comunicação importante e fundamental para a expressão de pensamento. Entendesse que toda criança pensa sobre escrita, independentemente de qual seja sua condição social, pois é um processo real para se comunicar com o mundo. A escola é o lugar que irá proporcionar uma abertura sistematizada e organizada para estruturação da linguagem. Ferreiro (2001,p.65) defende que a instituição social criada para regulamentar o processo de aprendizagem é a escola, logo a aprendizagem deve realizar-se nela, na qual deve proporcionar estratégias e atividades para se chegar a uma linguagem real, com uma boa comunicação com o mundo.

2.1 Alfabetizar letrando: o desafio da escola

Saber as letras, escrever e decifrar o que está apresentado no contexto escrito são fundamentais no processo de ensino da língua escrita. Porém, com as novas demandas da sociedade, também se faz necessário saber fazer uso social desta linguagem para interagir ativamente com o mundo letrado em seus diversos aspectos linguísticos, diversos gêneros textuais, compreender o outro e ser compreendido. Assim se dá alfabetização na perspectiva do letramento. Para melhor entendermos a noção de alfabetizar letrando precisamos entender como cada processo acontece e suas diferenças, o de alfabetização e o letramento.

Para Magda Soares (2012, p.15), a alfabetização tem um sentido próprio, específico, sendo compreendido como um “processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita”. Já o letramento é compreendido pela autora como “estado ou a condição de quem não apenas sabe ler e a escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita” (SOARES, 1998, p. 47). De acordo com Tfouni (2006), a alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de

linguagem, pertencendo ao âmbito individual. Enquanto o letramento, por sua vez, foca nos aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade. Para Carvalho (2010, p.66). “Uma pessoa alfabetizada conhece o código alfabético, domina as relações grafofônicas, em outras palavras, sabe que sons as letras representam, é capaz de ler palavras e textos simples, mas não necessariamente é usuário da leitura e da escrita na vida social.”

Apartir do conceito de alfabetizado, que vigorou até o Censo de 1940, como aquele que declarasse saber ler e escrever, o que era interpretado como capacidade de escrever o próprio nome; passando pelo conceito de alfabetizado como aquele capaz de ler e escrever um bilhete simples, ou seja, capaz de não só saber ler e escrever, mas de já exercer uma prática de leitura e escrita, ainda que bastante trivial, adotado a partir do Censo de 1950. [...] verifica-se uma progressiva, embora cautelosa, extensão do conceito de alfabetização em direção ao conceito de letramento: do saber ler e escrever em direção ao ser capaz de fazer uso da leitura e da escrita. (SOARES, 2003, p.7).

O termo Letramento começou a ser usado no Brasil na década de 1980. “Surgiu porque apareceu um fato novo para o qual precisávamos de um nome, um fenômeno que não existia antes, ou, se existia, não nos dávamos conta dele e, como não nos dávamos conta dele, não tínhamos um nome para ele. (SOARES, 1998, p.2)” Utilizado para designar o uso social da leitura e da escrita em diversos espaços da sociedade, conjunto de práticas sociais que usam a escrita. Tfouni (2006), acredita que a necessidade de começar a falar em letramento surgiu da tomada de consciência que se deu, principalmente entre linguistas, de que havia algo além da alfabetização, que era mais ampla e até determinante desta.

Podemos entender Letramento como um “conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito” (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007, p. 7). Ou seja, letramento é além de saber ler e escrever, entender o que se ler e se escreve, relacionando dessa forma com o contexto social e sua experiência cotidiana. Segundo Magda Soares (2002), o sujeito se alfabetiza e se letra no contexto da cultura a qual pertence; simultaneamente, é a cultura que atribui o sentido que tem a alfabetização e o letramento. De acordo com Mortatti (2004, p. 98), o conceito de letramento se liga às funções da língua escrita em sociedades letradas. Segundo a autora, em sociedades grafocêntricas, a escrita é de grande valia já que tudo se organiza ao seu redor.

Letramento está diretamente relacionado com a língua escrita e seu lugar, suas funções e seus usos nas sociedades letradas, ou, mais especificamente, grafocêntricas, isto é, sociedades organizadas em torno de um sistema de escrita e em que esta, sobre tudo por meio do texto escrito e impresso, assume importância central na vida das pessoas e em suas relações com os outros e com o mundo em que vivem (MORTATTI, 2004, p. 98).

Mesmo sendo processos diferentes, devem ser entendida como complementação de um conceito a outro, em que se faz necessário que a ação da alfabetização e o letramento aconteça de forma articulada, entendemos como de grande relevância na educação, na formação do educando possibilitando uma aprendizagem mais ampla e como portas de entrada no mundo da escrita e da leitura “[...] o indivíduo letrado e alfabetizado é mais poderoso que o letrado não alfabetizado (Mortatti, 2004, p. 107).” De acordo com Soares (2003) citada por Moraes e Albuquerque (2007, p. 47): “Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas inseparáveis do contrario: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse ao mesmo tempo alfabetizado e letrado”.

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque [...] a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2003, p. 14).

De acordo com Rios e Libânio (2009, p. 33), “a alfabetização e o letramento são processos que se mesclam e coexistem na experiência de leitura e escrita nas práticas sociais, apesar de serem conceitos distintos”.

Para alfabetizar letrando, deve haver um trabalho intencional de sensibilização, por meio de atividades específicas de comunicação, como escrever para alguém que não está presente (bilhetes, correspondências escolar), contar uma história por escrito, produzir um jornal escolar, um cartaz etc. Assim a escrita passa a ter função social (CARVALHO, 2011, p.69).

Algumas crianças são alfabetizadas, mas não compreendem o que estão lendo, não fazem uso social e cultural da leitura e não desenvolvem a autonomia. Alfabetizar letrando significa que enquanto a criança vai sendo alfabetizada, ela também possa apropriar-se de competências e habilidades ao ter acesso aos diversos tipos de textos e gêneros textuais, como rótulos, propagandas, nomes de ruas, receitas, músicas, livros, gibis, também de grande importância que a criança saiba a diferenciação entre os gêneros textuais, entender que quando ela escreve uma carta é diferente de quando escreve uma receita. A alfabetização e o letramento mesmo relacionados, existem pessoas que não fazem os dois processos com autonomia e concomitantemente. Para Soares (2003, p. 47), “o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado”.

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 2003, p. 40).

Na mesma perspectiva, Costa Val (2006) aponta:

É possível encontrar pessoas que passaram pela escola, aprenderam técnicas de decifração do código escrito e são capazes de ler palavras e textos simples, curtos, mas que não são capazes de se valerem da língua escrita em situações sociais que requeiram habilidades mais complexas. (COSTA VAL, 2006, p. 19)

A articulação escola/família/comunidade é de total importância nesse processo, em que a escola precisa criar um ambiente letrado, criar um espaço estruturado e acolhedor onde o aluno encontre significado e prazer nas práticas pedagógicas, a sala de aula deve ser um ambiente dinâmico, cativante, estimulador. A escola como ambiente alfabetizador precisa oferecer desde a educação infantil o contato com a leitura com por exemplo literatura infantil. Partir de situações em que a criança faça apropriação do código escrito, utilizem materiais que estão no contexto social que a criança está inserida, mostrando o quanto é importante e pode ser tornar prazeroso o ato de ler e escrever, não mais por apenas cartilhas tradicionais “é interagindo com a língua escrita através de seus usos e funções que

essa aprendizagem ocorreria, e não a partir da leitura de textos ‘forjados’ como os presentes nas ‘cartilhas tradicionais.’ (ALBUQUERQUE, 2007, p.16). Teberosky (2003) e Ferreiro (2005) defendem a importância do uso de diversos materiais didáticos e literários que propiciem a aquisição de conhecimento como jornais, livros, dicionários, folhetos, entre outros, que esses materiais estejam ao acesso dos leitores, criando assim um ambiente alfabetizador. Para Soares (2008, p. 33):

É função e obrigação da escola dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura, e isto inclui a leitura informativa, mas também a leitura literária; a leitura para fins pragmáticos, mas também a leitura de fruição; a leitura que situações da vida real exigem, mas também a leitura que nos permita escapar por alguns momentos da vida real.

Alfabetizar letrando se mostra uma ferramenta essencial para educação, mas ainda se apresenta como desafio a ser enfrentado pela escola. A falta de material letrado a disposição (calendários, cartazes, rótulos biblioteca que inclui revistas, livros e jornais), a ausência de trabalhos com diferentes gêneros textuais, os poucos investimentos pelos governantes e a falta de qualificação dos professores são alguns desafios enfrentados para se chegar a fazer uso e apropriação da escrita. Os educadores por vezes encontram dificuldades em conciliar os dois processos para que os alunos consigam se apropriar do sistema de escrita e usar tal habilidade em suas práticas sociais diárias. Segundo Costa Val (2006):

[...] não se trata de escolher entre alfabetizar ou letrar, trata-se de alfabetizar letrando. Quando se orienta a ação pedagógica para o letramento, não é necessário, nem recomendável, que, por isso, descuide-se do trabalho específico com o sistema de escrita. Noutros termos, o fato de valorizar em sala de aula os usos e as funções sociais da língua escrita não implica deixar de tratar sistematicamente da dimensão especificamente linguística do “código”, que envolve os aspectos fonéticos, fonológicos, morfológicos e sintáticos. Do mesmo modo, cuidar da dimensão linguística, visando à alfabetização, não implica excluir da sala de aula o trabalho voltado para o letramento. (COSTA VAL, 2006, p. 19)

.O professor alfabetizador é de total importância nesse processo complexo, em que através da oferta de múltiplas possibilidades contribuirá para a construção do conhecimento e seu desenvolvimento como aluno, mas também como cidadãos de forma espontânea a didática, não de forma autoritária. O professor deve proporcionar conhecimento social em ambiente letrado, questões sobre as opiniões e hipóteses de leitura e de escrita levadas pelas crianças, mediando situações em

que a divergência surja como elemento de instabilidade para que reconstruam seus conceitos iniciais sobre o significado de ler e de escrever, alterando o que foi apresentado ou entendido anteriormente, enunciado básico para tal construção (BOLZAN,1999). .

De formamediatora na evolução do aluno, o professor irá viabilizar e direcionar ideias, para que a criança faça uso da leitura e da escrita em variados contexto social e se sinta construtor do seu aprendizado. Entendemos como importante também que o professor alfabetizador, deve sempre estar em constante busca de qualificação e atualização de suas práticas que ajudaram diretamente o educador, orientar a própria concepção e prática pedagógica de modo que se promova a alfabetização na perspectiva do letramento para que os aprendizados construídos ao longo dos anos a criança tenha em seu alicerce a autonomia, a criatividade e sejam seres pensantes.

O trabalho pedagógico precisa ser planejado para a realidade social em que a criança vive, contemplando as diferentes metodologias e a interdisciplinaridade e apresentando significação na aprendizagem e desenvolvimento da linguagem. Silva (2009, p.37) destaca que o principal objetivo da organização do planejamento é o de possibilitar que o professor desenvolva um trabalho sistemático dos conteúdos e habilidades que envolvem o processo de alfabetização e letramento. Assim como concorda Soares (2004):

Esse alfabetizar letrando, ou letrar alfabetizando, pela integração e pela articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita, é, sem dúvida, o caminho para a superação dos problemas que viemos enfrentando nesta etapa da escolarização. Descaminhos serão tentativas de voltar a privilegiar esta ou aquela faceta, como se fez no passado, como se faz hoje, sempre resultando em fracasso, esse reiterado fracasso da escola brasileira em dar às crianças acesso efetivo e competente ao mundo da escrita. (SOARES, 2004, p. 100)

O alfabetizando precisa reconhecer as práticas de leituras e escrita em outros lugares e momentos. Podemos perceber o quanto pode ser enriquecedor para criança quando ela nasce e cresce em um ambiente alfabetizador. Quando Proporcionado pela família e no meio que ela vive, vivências que serão de total importância no seu desenvolvimento e aprendizado, a criança cria sua cultura através de história lidas e contadas para ela, ter acesso a materiais didáticos que envolve a leitura, como jogos, pinturas, livros as sua disposição e instigar sua criatividade de forma lúdica e afetuosa tanto oralmente como por meio da escrita.

Para Kramer (2007, p. 16) “[...] elas reconstróem das ruínas; refazem dos pedaços. Interessadas em brinquedos e bonecas, atraídas por contos de fadas, mitos, lendas, querendo aprender e criar[...]”. Para Sousa (1998), a relação entre pais e escola e de total importância. A criança se sente apoiada, motivada e segue na aprendizagem.

A leitura, por esta razão, deve-se apresentar no ambiente escolar de forma prazerosa, atrativa e lúdica. Não como atividade obrigatória, apenas de cunho escolar e sem finalidade. Quando apresentada de forma agradável, instiga mais ainda a criança a adentrar, aprender e compreender e fazer uso frequente de leituras. No entanto, se for apresentada de forma rígida, além de dificultar em sua aprendizagem, acarretará também o desinteresse. Conforme Soares (2003, p. 38), “aprender a ler e a escrever e, além disso, fazer uso da leitura e da escrita transformam o indivíduo, levam o indivíduo a outro estado ou condição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, linguístico, entre outros”. Em que seja possível criar situações reais, naturais e significativas

É notório que a alfabetização e letramento são de suma importância no cotidiano escolar, compondo o processo de ensino e aprendizagem desde a inserção da criança no sistema de ensino no ensino infantil, ensino fundamental: nos anos iniciais, educação de jovens e adultos e que não se esgota nos demais ciclos da educação básica. Para sua efetivação é preciso a contribuição da família, escola e órgãos governamentais. Ser alfabetizado e letrado é garantir os direitos e deveres do cidadão “A leitura é um ato crítico que envolve a conscientização, reflexão e transformação, pois enquanto prática discursiva é utilizado como um importante instrumento do resgate da cidadania e o ser humano, muito antes de inventar os códigos linguísticos já lia o mundo (FREIRE, 1983, p 11-12).” Mas não se deve forçar a criança na leitura e na escrita, mas respeitar seu tempo e entender que cada aluno tem uma particularidade de aprender, ou seja, um método pode ser bom para um e não adequado para outro, fazendo com que o processo de alfabetização seja de forma dinâmica, espontânea, construção contínua, desenvolvida simultaneamente dentro e fora da sala de aula, para que a aprendizagem seja significativa para o educando. Pois, entende-se que se o alfabetizado sabe codificar e decodificar o sistema da escrita, o sujeito que domina o letramento vai além, sendo capaz de manusear a língua no seu cotidiano e nos demais contextos em que está inserido.

3 EDUCAÇÃO NA PANDEMIA COVID-19: REALIDADES E DESAFIOS

A educação, em sua historicidade, é marcada por diversas transformações, diferentes abordagens teóricas e pela diversidade sociocultural. Os desafios e as diferentes realidades também fazem parte da educação, que sempre tentou percorrer caminhos para enfrentar e superá-los, para que consiga a promoção de uma educação de qualidade, de direito e com igualdade nas condições de acesso para todos estudantes. Assim como consta no artigo 205 da Constituição Federal de 1988: " A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho".

A realidade enfrentada por aqueles que fazem a educação, no início do ano de 2020 foi a pandemia causada pelo Coronavírus (COVID-19), o SARS-CoV-2, doença que a Organização Mundial de Saúde(OMS) declarou como Emergência de Saúde Pública de Interesse Internacional(ESPII) de rápido alastramento e infecciosa com quadro clínico leves a graves (BRASIL, 2020a). O governo, por meio da Portaria nº 188, de 3 de fevereiro de 2020, anunciou a emergência no âmbito nacional, que a situação demandava o emprego urgente de medidas de prevenção, controle e contenção de riscos, danos e agravos à saúde pública(BRASIL, 2020b).

A pandemia do coronavírus ocasionou muitas mudanças na vida e no cotidiano de todos, a educação também passou por mudanças e diversas medidas foram tomadas nas escolas de todo o Brasil. Escolas foram fechadas, estratégia adotada para frear o avanço da doença, minimizar os danos causados e preservar a saúde de estudantes e funcionários através do distanciamento e isolamento social, que a princípio seria por poucos dias, prorrogando os prazos conforme o aumento da doença. Para o desenvolvimento das atividades não presenciais, o Ministério da Educação(MEC) orientou que o sistema de ensino:

Neste período de afastamento presencial, recomenda-se que as escolas orientem alunos e famílias a fazer um planejamento de estudos, com o acompanhamento do cumprimento das atividades pedagógicas não presenciais por mediadores familiares (BRASIL, 2020c, p. 9).

Se os desafios enfrentados pela educação em tempos “normais” já eram preocupantes, com a suspensão das aulas e o fechamento das instituições educacionais presenciais, preocupou consideravelmente a todos que fazem a educação. O Conselho Nacional de Educação, para amenizar a evasão escolar, a repetência e sem prejudicar o processo de ensino, recomendou que as atividades pedagógicas fossem ofertadas de forma remota, para assim tentar que os estudantes não percam o contato com a escola e não tenham retrocesso no processo de aprendizagem e desenvolvimento. A LDB (1996) quando trata da organização do ensino fundamental no artigo 32 em medidas emergenciais traz que: "O ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizada como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais", Art 32, parágrafo 4o da LDB/96.

O Ministério da Educação (MEC) autorizou as instituições a reorganização dos calendários escolares e a dinamização de dias letivos, algumas escolas optaram pela alteração de férias, entrega de material impresso, mas também considerar as atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima.

As escolas tentaram reinventar a maneira de ensinar com O Ensino Remoto Emergencial (ERE). Para Behar (2020,s.p), Ensino Remoto Emergencial (ERE), “uma modalidade de ensino que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e alunos e foi adotada de forma temporária nos diferentes níveis de ensino por instituições educacionais do mundo inteiro”. Alternativa para dar continuidade às aulas suspensas e minimizar os impactos causados pelo vírus a população, conta com a utilização de Tecnologias de Informações e Comunicação(TIC) para migrar atividades de educação para o formato online. Ensino Remoto por considerar que alunos e professores estão inibidos de frequentar o espaço escolar de forma presencial, e Emergencial por se tratar de medidas que foram tomadas imediatamente, sem planejamento prévio para adaptar em tempo real o currículo, atividades e conteúdos. As tecnologias nunca foram tão precisas para a sociedade com ênfase na educação, como a partir das perspectivas trazidas pelo distanciamento social causada pela Pandemia. O ensino em sua forma remota ou assíncrona, fez com que governantes tomasse medidas de adaptação ao novo modelo educacional.

O Ensino Remoto Emergencial foi a forma de oferta da educação utilizada durante do período de pandemia da COVID19 e caracteriza-se como uma mudança temporária da entrega de instruções para um modo de entrega alternativo devido a circunstâncias de crise. Envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas para instrução ou educação que, de outra forma, seriam ministradas presencialmente ou como cursos combinados ou híbridos e que retornarão a esse formato assim que a crise ou emergência tiver diminuído. É fundamental que fique muito claro a todos que o objetivo principal nessas circunstâncias não é recriar um ecossistema educacional robusto, mas fornecer acesso temporário a estratégias de ensino-aprendizagem de uma maneira que seja rápida de configurar e entregar de forma simples e confiável durante uma emergência ou crise (HODGES, 2020).

No contexto de pandemia de COVID-19 e com a oferta desse novo formato de ensino, reproduziram e pioraram dificuldades já enfrentadas por alunos principalmente das classes populares, enfatizando as desigualdades educacionais e sociais que nunca ficou tão exposto. Dados do IBGE (2019) mostram a evasão e atraso escolar tem relação direta com a condição socioeconômica, atingindo a população mais pobre. Alunos de escolas públicas excluídos do mundo digital dificultando assim a interação e aprendizagem escolar, que por vezes não conhecia e nem possuía recursos tecnológicos (celular, computadores, notebooks, tablets, videoaulas) ou acesso à internet de qualidade que é fundamental ou até mesmo obrigatório. Alunos que dispõem de equipamentos tecnológicos e internet de qualidades estão um passo a frente dos alunos que não possuem, a educação que deveria ser direito de todos, passa a ser privilégio de alguns. Dentre as dificuldades enfrentadas também estão os estudantes que não conseguiam ir periodicamente à escola retirar os materiais impressos, a falta de orientação dos pais, e para alguns que tinha esse acompanhamento pelos pais que além de dar assistência ao filho e ter que entender sobre os conteúdos abordados, precisava por vezes romper o isolamento social expõe contaminação para trabalhar, muitos ficaram desempregados, tiveram que assumir o papel de orientador de ensino a distância dividindo a internet com vizinhos e seu celular pessoal para uso coletivo na tentativa que o processo de aprendizagem acontecesse. Para Costa (2020), “a aprendizagem é uma ação que se dá na interação com o mundo, necessariamente mediada pelo outro, pela linguagem e pelo contexto social. Qualquer tentativa de isolar o processo de aprendizagem desses aspectos está fadada ao fracasso”

Os problemas envolvem: acesso limitado à internet; tecnologias inexistentes ou obsoletas (computadores, tablets, celulares, televisores); falta de espaço apropriado para estudo e trabalho em casa; baixo aproveitamento nas aulas remotas, tanto pior quanto menor a faixa etária dos alunos; os percalços e fracassos das tentativas de viabilizar o ensino remoto na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I. Complementam os problemas: a falta de apoio familiar aos alunos e professores; a formação frágil e o despreparo dos professores para o uso das TDICs; o despreparo e a ausência de suporte aos professores; além de sobrecarga, ansiedade, tédio, esgotamento e comprometimento da saúde mental de professores, estudantes e seus familiares. (PENTEADO, COSTA, 2021, p.4)

Vale evidenciar que a maioria das escolas públicas também não possui(ou pouco presente) estruturas, equipamentos tecnológicos e nem internet de boa qualidade que assim trouxe desafios aos gestores, professores e famílias (em meio ao caos , incertezas, lacunas e medo). Os professores, por sua vez, também enfrentam esse mesmo problema tanto instrumental com as ferramentas tecnológicas, quanto pedagógico. Além de ter que custear com equipamentos tecnológicos para efetivação do ensino remoto, teve que enfrentar toda essa situação sem uma formação pedagógica precisando fazer edições e postagens, sobrecarregados de atividades e atentos para a não dispersão.

Para Freitas,Almeida e Fontele (2021), muitas foram as transformações no fazer docente diante da nova realidade, além de desafiador, causou estranheza e inquietações para os profissionais. As tecnologias digitais que antes eram impregnados a especialistas, passam a ser utilizada também pela população em geral. Como apresenta Oliveira, Silva e Silva, (2020, p.31), “com a suspensão das aulas, o ensino remoto entra em cena como resposta à crise, e o professor sem tempo de refletir, precisou agir na urgência”. Os processos na educação que sempre foi baseado no contato presencial entre professor e aluno em sala de aula, passa a ser efetivado pela tecnologia, orientado, e pelo diálogo entre família, alunos e professores fazendo com que através dos esforços dos professores o processo de ensino e aprendizagem não seja totalmente prejudicador pela realidade pandêmica .

O processo de ensino e aprendizagem na etapa de alfabetização, durante o Ensino Remoto Emergencial, desafiam mais ainda os professores e são muito mais complexos. Estudantes dos anos iniciais de ensino fundamental necessitam constantemente e indispensável a mediação do professor alfabetizador de forma presencial, e que quando não possível, impossibilita de fazer uso de materiais concretos e diversificadas estratégias de ensino que ocorra o desenvolvimento do

processo de alfabetização e letramento. Magda Soares em entrevista ao Canal Futura em setembro de 2020 afirma que:

A atual pandemia veio acrescentar novos desafios, afastando as crianças das escolas e das alfabetizadoras na fase fundamental do processo de escolarização. Por um lado, foi interrompido o processo de alfabetização no início do período em que a interação alfabetizadora-criança é indispensável, já que o contato educador x educando é importante, para esta fase de escolarização, pois a rotina diária cria um elo de convivência, adaptação e socialização tão essenciais nesse processo didático, pois a aprendizagem do sistema de escrita alfabética depende da compreensão bem orientada das relações oralidade-escrita. Por outro lado, o afastamento das crianças da escola interrompe um processo apenas iniciado de escolarização, em que a criança começa a se inserir na “cultura escolar”.

Reconhecemos que vivemos em um momento de grandes transformações e avanços tecnológicos, a educação também é interferida por essas transformações. Mas é preciso pensar propostas pedagógicas em que sejam possíveis ser executadas por todos, respeitando seu contexto social, econômico e emocional. É considerado também de total importância que os pais participem do processo de aprendizagem, mas essa responsabilidade não pode recair em quem não está preparado para desenvolver a função do professor. O professor, por sua vez, precisa ser valorizado, apoiado em toda estrutura que precisa para um trabalho de qualidade, a interação entre alunos e professores são indispensáveis. Os impactos gerados pela COVID-19 não podem ser vistos em curto prazo nem como algo simples, mas como situações complexas que precisam ser rompidas para garantir que todos tenham acesso a educação de qualidade, já que nem todas as pessoas vivem em mesmas condições socioeconômicas. Mesmo com a tentativa de garantir a continuidade do cronograma escolar, a sensação que ficou foram que os governantes poucos fizeram para amenizar tais dificuldades. Poucas foram as políticas públicas que garantiram o acesso aqueles que estavam em situação de vulnerabilidade.

4 METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência e que se configura como uma pesquisa de abordagem qualitativa. Segundo Prodanov e Freitas “[...] [na] abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70). Objetiva-se descrever e analisar as contribuições do Programa Residência Pedagógica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior(CAPES) para a formação inicial de licenciados/as e para a escola da educação básica, a partir da nossa experiência pessoal no subprojeto de Pedagogia/alfabetização da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, desenvolvida na Escola de Ensino Fundamental Roberto Simonsen da rede municipal de Campina Grande/PB.

Além da conceituação teórica metodológica da abordagem de pesquisa, apresenta-se a contextualização da pesquisa com o local, sujeitos e instrumentos. Por se tratar de uma investigação qualitativa pode-se utilizar de vários instrumentos para obtenção de dados, como análise de documentos, diário de campo, entre outros. Em virtude da pandemia do Corona vírus - Covid-19, para adaptar-se ao novo contexto social de forma segura e cumprir as recomendações da OMS e Vigilância sanitária, as vivências da Residência Pedagógica aconteceram em sistema remoto, onde os encontros e as regências passaram a ter uma configuração síncrona e assíncrona, impossibilitando nos bolsistas a inserção na escola campo de forma presencial. De acordo com o projeto do PRP, a formação dos/as residentes é estruturada em três eixos formativos: Pesquisa/Observação e Regência. Cada módulo teve a duração de seis meses, perfazendo uma duração total de 18 meses. No primeiro momento dedicamos às formações pedagógicas, utilizando de matérias de leituras, lives e reuniões pelo Google meet, realizadas pela docente orientadora. No segundo momento, foi feito o planejamento após sondagem das necessidades dos alunos e no segundo momento foi feita a regência com auxílio das plataformas digitais e WhatsApp e acompanhados pela preceptora da escola campo. Posteriormente, buscaremos descrever a experiência vivenciada na Residência Pedagógica, contemplando os três eixos formativos, focalizando a sua importância para a nossa formação docente.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 Contextualização da prática

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência das atividades desenvolvidas no subprojeto de alfabetização do Programa Residência Pedagógica no período de 2020 em uma turma de 20 alunos matriculados do 4º ano e em 2021 com 24 alunos no 5º ano Ensino Fundamental I, no qual atuamos como bolsista/residente. Porém, com acarretamento das adversidades em decorrência do período pandêmico, participavam em torno de 12 a 15 crianças. A escola campo em que foi realizado o subprojeto "Práticas de Alfabetização e Letramento na Educação Básica" foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Roberto Simonsen, localizada na cidade de Campina Grande-Paraíba.

O Programa Residência Pedagógica (PRP) vinculado a Coordenação de Aperfeiçoamento e Capacitação no Ensino Superior CAPES tem por objetivo contribuir com o processo de formação dos/as futuros/as professores/as de Licenciatura da Universidade Estadual da Paraíba, a partir da imersão dos/as licenciandos/as em escolas da educação básica, promovendo uma maior interação entre teoria e prática, uma vez que o/a aluno/a poderá participar mais ativamente do processo de ensino aprendizagem vivenciado em sala de aula. Contamos com a orientação da professora da Universidade Dra. Valdecy Margarida da Silva e a preceptora da escola Professora Mestre Silvana Neves de Nascimento.

A ação do programa foi realizada de forma remota, com utilização de recursos das Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs), respeitando o momento atípico e de adaptação causado pela pandemia da covid-19, respaldados na resolução UEPB/Consepe/0229/2020. O programa é estruturado em 3(três) módulos de 6(seis) meses cada, uma duração total de 18(dezoito) meses. Em cada módulo se dá três eixos: Ambientação/Observação, Formação e Regência. A Ambientação/Observação proporciona aos residentes a inserção da vivência da/na rotina e cotidiano escolar para que estes/as possam conhecer o funcionamento da escola e a cultura organizacional, acompanharem as atividades de planejamento pedagógico, identificar como é feita a articulação da escola com famílias e a comunidade, dentre outros aspectos. Já as ações de Formação perpassam todo o programa, entretanto, é nesse eixo que é definida a realização de minicursos que abordam temáticas que dialogam diretamente com as necessidades formativas dos s/as residentes. Por

último, a regência da docência dos/as bolsistas, que é o momento do exercício em que vão elaborar planos de aula e ministrar conteúdos em sala de aula ou oficinas temáticas, com acompanhamento do preceptor. (Conferir imagens abaixo da escola)

Figura 1: e 2 - Entrada da Escola e Pátio da Escola



Fonte: Arquivo da preceptora.

Figura 3 e 4 - Bibliotecas da Escola e Sala de aula



Fonte: Arquivo da preceptora.

5.2 Formação e planejamento

O Plano de ação do subprojeto Pedagogia/alfabetização previa em sua proposta formativa um enfoque sobre alfabetização e letramento. Quando começamos as atividades previstas no plano de ação da Residência Pedagógica, neste primeiro módulo, já que deixamos de ter encontros presenciais devido o Coronavírus, as experiências foram feitas através do ensino remoto com reuniões semanais pelo Google Meet começando pela etapa de formação que começou com o diálogo de interação em grupo sobre as perspectivas, os possíveis desafios e sugestões de trabalho, onde foi possível nortear o rumo a seguir e conhecer as residentes, orientadora e preceptora. Uma série de incertezas surgiu em nosso

grupo. Algumas das incertezas estavam em como trabalhar o processo formativo das bolsistas no contexto remoto, de forma que a relação teoria prática não fosse prejudicada? Como faríamos a observação do cotidiano escolar e a regência se estivéssemos distantes fisicamente da escola? Como alcançar as crianças em distanciamento social, visto que, na maioria das crianças não possui equipamentos tecnológicos nem acesso a internet de qualidade? Quais alternativas para mesmo de forma remota a formação não fosse monótona? Como alfabetizar remotamente, crianças que por muitas vezes não tinha feito uso do celular para fins educativos.

. Na formação, inicialmente os procedimentos utilizados pela turma foram estudos de textos, vídeos, documentos e livros que trabalham o tema, o conceito de Alfabetização e Letramento, onde discutimos a noção que cada um tinha do tema, sendo aprofundado o nosso conhecimento do processo e sua diferenciação, onde a alfabetização ocorre, como ela ocorre, quais suas possibilidades a sua diferenciação e aproximação com o Letramento. Considerando o processo de formação de total importância e o ambiente educacional como desafiador, para garantir o desenvolvimento das atividades a professora orientadora Valdecy Margarida planejou encontros de formação dos residentes, encontros semanalmente e de forma remota usando da plataforma do Google Meet contando com a presença de convidados e diversos temas relacionados à educação com ênfase na Alfabetização e Letramento.

Os momentos de formação que teve como aliado à tecnologia pode contar com Lives e Palestras realizadas no instagram da Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva (@val.margarida). Em que cada momento foram trazidos temas diferentes e convidados. Assim tivemos as lives “A importância da literatura no processo de Alfabetização” com Profa. Dra. Socorro Moura Montenegro; “O eixo oralidade na BNCC: as interações discursivas na alfabetização” - Profa. Dra. Roziane Marinho Ribeiro; “Direitos Humanos e as questões Étnico-Raciais: uma luta em Movimento(s)” - Profa. Dra. Cristiane Nepomuceno; “A Educação e as questões Étnico-Raciais: perspectivas e desafios” - Moisés Alves - Coordenador do Movimento Negro, que puderam se compartilhadas e discutidas de forma didática e com a participação dos ouvintes através de perguntas e comentários. Outros momentos que possibilitaram aprendizado através dos recursos tecnológicos foram as entrevistas de autores que estudam e pesquisam sobre o tema Alfabetização e Letramento, como na Palestra da professora Doutora Leda Tfouni trazendo algumas

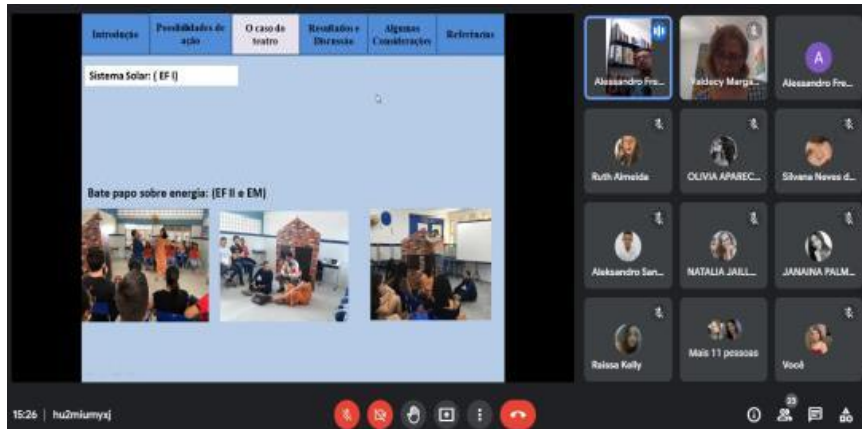
considerações acerca das práticas de letramento; na entrevistas da Professora Doutora Magda Soares, sobre Alfabetização e Letramento e a entrevista com o Professor Doutor Artur Gomes de Moraes sobre alfabetização.

Foram ainda nos momentos de formação que podemos contar com as contribuições de professores e pesquisadores em rodas de conversas que foi possível mais ainda adentrarem no tema de alfabetização em suas possibilidades, diferenciação e aproximação com o letramento, as Reflexões sobre os métodos de ensino em tempos de aulas remotas com a Professora Dr. Orientadora Valdecy Margarida da Silva, Territórios Populares de cidade e desigualdade educacionais no contexto da Pandemia da Covid-19 com as contribuições da Profa. Dra. Maria Jackeline Feitosa Carvalho, do Prof. Carlos Joseph Ramos (ECIT Francisco Ernesto do Rêgo) e do Prof. Ciro Linhares de Azevedo (IFPE), O ensino de Ciências nos anos iniciais do Ensino Fundamental na perspectiva do Prof. Dr. Alessandro Frederico, Conversas com quem gosta de ler: uma experiência de leitura literária Prof. Dr. Marcelo Medeiros, O ensino de Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental Prof. Dr. Aníbal, A importância da literatura infantil em sala de aula Profa. Dra. Socorro Moura, O Podcast como possibilidade pedagógica Profa. Doutoranda Lúcia Serafim e as Possibilidades de trabalho com os Portfólios com Profa. Angélica Gouvêa - Profa. Pedro II – RJ, A contribuição de Paulo Freire para a construção da escola pública, popular e democrática com a deputada Federal Luiza Erundina e o professor Alder Júlio Calado, Gênero, sexualidade e educação com a Profa. Anita Pereira, da Universidade Federal da Paraíba.

Visando enriquecer mais nossa formação, foi ofertado pela profa. Dra. Valdecy Margarida, professora orientadora da Residência, o curso de extensão “Formação de professores, alfabetização e letramento em Educação de Jovens e Adultos (EJA)”. Nos encontros semanais trabalhamos obras de Paulo Freire como: Medo e ousadia (1986), Pedagogia do Oprimido (1968), Pedagogia da Autonomia (1996) e A importância do ato de ler (1981) entre outras obras. Após todas as experiências de formação, partindo para planejar a regência, levando em consideração sempre o contexto, o embasamento teórico e as nossas limitações e dos alunos, para que assim conseguimos um maior êxito e uma aprendizagem significativa. A formação teórica contou com debates a cerca dos temas, Alfabetização e Letramento, Práticas de Leituras e Escritas, A Psicogênese da Língua Escrita entre outros, e foram através dessas discussões que foi possível

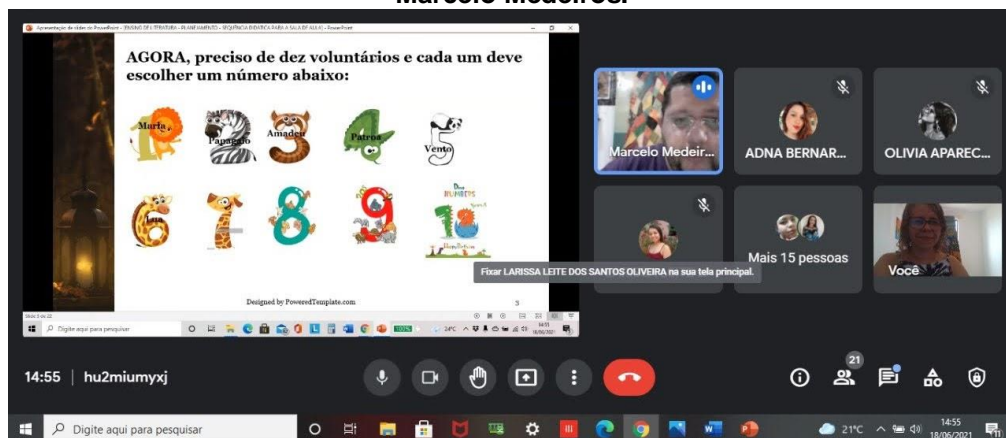
termos o norte e fazer planejamento para ser usado na prática começando pela construção do plano de ações, também foi através desses debates que houve maior interação e troca de conhecimento.

Figura 5 - O ensino de ciências nos anos iniciais do Ensino Fundamental - Prof. Dr. Alessandro Frederico.



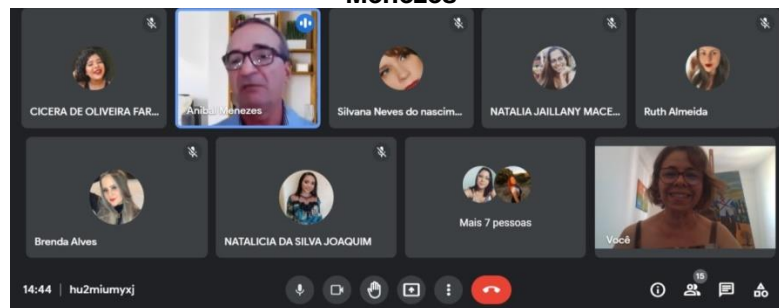
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 6 - Conversas com quem gosta de ler: uma experiência de leitura literária - Prof. Dr. Marcelo Medeiros.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 7 - O ensino de Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental - Prof. Dr. Aníbal Menezes



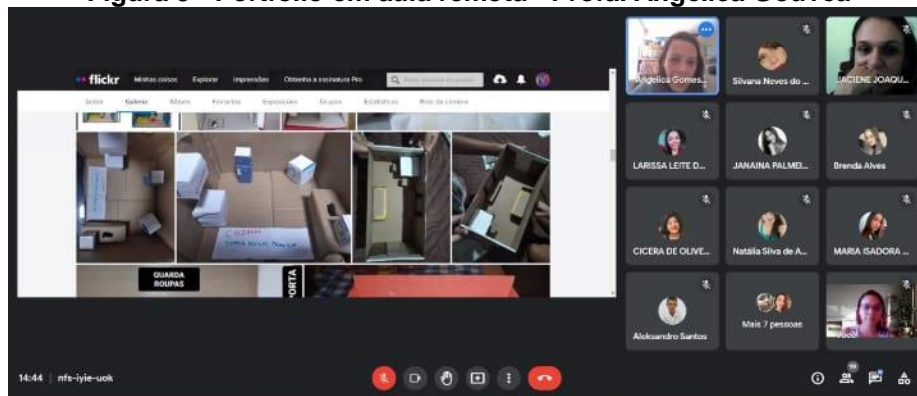
Fonte: Acervo pessoal.

Figura 8 - A importância da literatura infantil em sala de aula - Profa. Dra. Socorro Moura



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 9 - Portfólio em aula remota - Profa. Angélica Gouvêa



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 10 - Reunião de planejamento com a preceptora.



Fonte: Acervo pessoal

5.3 Descrições das atividades realizadas durante a residência na Escola

O início das atividades do subprojeto Pedagogia/alfabetização do Programa Residência Pedagógica ocorreu em outubro de 2020 na turma de 5º com 22 alunos matriculados, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Roberto Simonsen em

Campina Grande- PB. Nosso subprojeto focalizou fundamentalmente, nas atividades de alfabetização, discutindo e exercitando metodologias adequadas e materiais didáticos disponíveis para promover propostas alfabetizadoras possíveis de serem realizadas no contexto do ensino remoto. Para o desenvolvimento das ações alfabetizadoras junto às crianças, foi fundamental o processo formativo e de planejamento. Iniciamos nosso contato nos apresentando.

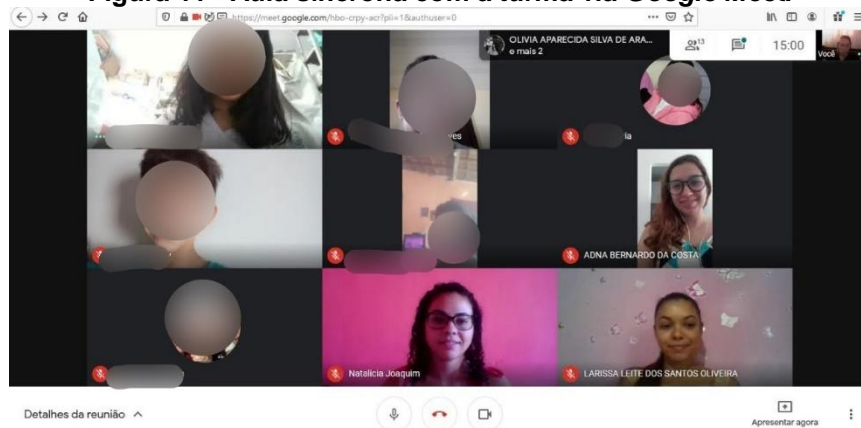
Em função do contexto da pandemia da Covid-10, antes de iniciar a regência, a professora preceptora explicou aos pais e/ou responsáveis pelas crianças, que era preciso sua contribuição, colaboração e explicou como seriam realizadas as atividades de ensino remoto de forma coletiva, que além do livro didático adotado pela escola, das atividades impressas enviadas as crianças, haveria também a possibilidade de ser feito um acompanhamento pedagógico individual das crianças por um residente através de chamadas de vídeo utilizando o aplicativo WhatsApp no horário corresponde a aula , usamos o Google Classroom para repositório de atividades, planejamentos e devolutivas; O Google Meet para reuniões e interações. Segundo José Moran, “Ensinar utilizando a Internet pressupõe uma atitude do professor diferente da convencional.” (MORAN, 1999, p. 20).

A regência se deu de forma totalmente virtual em horário da aula, correspondendo ao turno da tarde que se iniciam as 13h00minh, utilizando de recursos tecnológicos, redes sociais, plataforma digitais disponíveis como celular, computador, plataforma do Google Meet e Classroom, Vídeos, musicas, poemas, e chamadas no WhatsApp. Aos alunos que não possuía tais recursos foi disponibilizado atividades impressas com retirada na escola, fazendo assim o ensino se enquadrar em ensino remoto e hibrido. As 40h de regência podem ser aproveitadas em sua totalidade e sempre abordando diversos temas e baseado nas habilidades da Base Comum Curricular. As ações realizadas durante a regência dentro das limitações, considerava os materiais didáticos disponíveis, contava também com explicações do assunto abordado, disponibilidade para dúvidas e o retorno através de registros fotográficos.

A primeira etapa das atividades apresentadas consistiu sobre a história do São João e os festejos juninos na disciplina de Linguagem. Usamos um vídeo no qual era apresentado o surgimento, curiosidade e cultura popular do São João de Campina Grande. Trabalhando os Eixos da BNCC: Oralidade, leitura, Escrita e Análise linguística, gêneros textuais como o trava-línguas, letras de música

e produção de texto. Para Martins (2006, p. 33): [...] a leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento. Esse diálogo é referenciado por um tempo e um espaço, uma situação; desenvolvimento de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta, em função de expectativas e necessidades, do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor. Levando em consideração também que é através da leitura que a criança adquire um amplo vocabulário, tem a sua comunicação mais clara e abrangente e o desenvolvimento intelectual e social.

Figura 11 - Aula síncrona com a turma via Google Meet.



Fonte: Acervo pessoal.

Figuras 12, 13 e 14 - Atividades de Língua Portuguesa.

LÍNGUA PORTUGUESA

Com base no vídeo assistido, responda às seguintes questões:

- Existem diversas versões de como surgiram as Festas Juninas, onde e quando se deu a versão retratada no vídeo?
Da época quando os portugueses trouxeram a folclore de origem portuguesa no século XVI, qual de influência para origem cultura após colonização.
- Quais práticas foram incorporadas no calendário da Igreja Católica?
Práticas de comemoração no mês de junho para homenagear 3 dos pais que saíram da igreja: São João, Santo Antônio e São Pedro.
- Como essa tradição chegou ao nosso País?
Atividade da propagação de uma festa chegando inicialmente as portugueses que trouxeram elementos cultura indígena e africana.
- Quais os elementos presentes nas festas juninas que fazem parte da cultura indígena e africana?
Canção, dança e comidas.

2- Escolha uma estrofe da música "Aca Beaça" e em seguida crie um áudio no grupo da turma recriando a estrofe escolhida.

1- Você sabe que não fomos nós o mito de Luiz Gonzaga em frente ao vale do Campina Grande? Faça uma pesquisa na internet sobre quem foi Luiz Gonzaga e conte o que você encontrou.
Luiz Gonzaga de Maracá era um compositor e cantor brasileiro, também conhecido como rei do baião, do coco, criou uma das melhores músicas folclore brasileira.



Fonte: Acervo pessoal

Na segunda etapa das atividades, foi realizada em matemática resoluções de problemas, número e operações, propriedade da adição, multiplicação e divisão com diversas estratégias. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC): [...] assegura aos alunos reconhecer que os conhecimentos matemáticos são fundamentais para a compreensão e a atuação no mundo e perceber o caráter de jogo intelectual da matemática, como aspecto que favorece o desenvolvimento do raciocínio lógico e crítico, estimula a investigação e pode ser prazeroso (fruição). (BRASIL, 2016). Além de algumas dificuldades de leitura e escrita, as crianças também apresentavam dificuldades com relação às atividades de matemática.

Figura 15 e 16 - Atividades de resoluções de problemas matemáticos

MATEMÁTICA

1. Uma festa sempre é festejada por muitos elementos, e a comida é um dos principais. Um dos ingredientes mais importantes para os convidados, provavelmente é o milho. O milho é um ingrediente tão delicioso quanto a comida. É provavelmente impossível pensar em algum prato de festa sem que não leve o alimento em sua receita. A partir do milho, podemos fazer panqueca, pipoca, milho cozido, milho verde, milho cozido, bolo de milho, polenta, arroz, couve, dentre outros pratos deliciosos. A seguir, temos a receita de bolo de milho:

Ingredientes:

- 2 copos de milho verde ou 2 litros de milho
- 400 ml leite
- 3 ovos
- 1 e 1/2 xícara (chá) de açúcar
- 1 xícara (chá) farinha de trigo (sem fermento)
- 2 colheres (sopa) de margarina
- 1 colher (sopa) fermento em pó

Modo de preparar:

Se for usar milho verde, retire o milho de espiga com a ajuda de uma faca afiada. Triture o milho para o liquidificador e adicione o leite, os ovos. Bata por 2 minutos até que a mistura fique homogênea. Em seguida adicione a margarina, o açúcar e a farinha de trigo. Misture com uma colher e em seguida bata por mais 2 minutos. Por último, adicione o fermento em pó e misture bem. Despeje sua mistura numa forma untada e enfarinhada. Leve para assar em forno pré-aquecido, 180°, por cerca de 30 a 60 minutos.

a) A receita usa 4 quantidades de ingredientes essenciais para fazer um bolo. Qual seria a quantidade necessária de cada ingrediente caso fosse necessário fazer dois bolos?

• 4 copos de milho verde ou 4 litros de milho
 • 800 ml leite
 • 6 ovos
 • 1 e 1/4 xícara (chá) de açúcar
 • 2 xícaras (chá) farinha de trigo (sem fermento)
 • 4 colheres (sopa) de margarina
 • 2 colheres (sopa) fermento em pó

b) Imagine que você irá fazer quatro bolos. Qual será a nova quantidade necessária de leite a ser utilizada na receita?

$$\begin{array}{r} 400 \\ \times 4 \\ \hline 1600 \text{ ml} \end{array}$$


c) Imagine que o bolo que queremos será a metade do tamanho do bolo que é possível fazer com esta receita. Qual seria a nova quantidade de cada ingrediente a ser utilizada desta vez?

$\frac{1}{2}$ xícara de milho
 $\frac{300}{2}$ ml de leite
 $\frac{1}{2}$ xícara de leite
 $\frac{250}{2}$ g de açúcar
 $\frac{1}{2}$ xícara de farinha de trigo
 $\frac{1}{2}$ colher de margarina
 $\frac{1}{2}$ colher de sopa de fermento

2. Cebolinha mora a 50 minutos da escola e Mônica a 35 minutos de distância. Cebolinha e Mônica combinaram de ir juntos para a festa junina que será realizada na escola em que estudam. A festa irá começar às 9 horas. Cebolinha irá passar na casa de Mônica para irem juntos. Que horas Cebolinha precisará estar na casa de Mônica para chegar pontualmente à festa?

$$\begin{array}{r} 50 \\ - 35 \\ \hline 15 \end{array}$$

Cebolinha tem que estar na casa de Mônica às 8:25



Fonte: Acervo pessoal

A terceira etapa de atividades foi na área de Ciências da natureza, na temática “Vida e evolução” apresentamos os perigos da COVID-19, sua ação e transmissão, trabalhamos também a importância da vacinação. Além das atividades realizadas, implementamos também na unidade temática “ Matéria e energia” utilizando da experiência científica denominada “pipocas dançares” o experimento contava com junção da água, do bicarbonato de sódio, vinagre e milho , onde os alunos puderam observar o efeito e a reação químico causado. Segundo a BNCC (2016) [...] por meio de um olhar articulado de diversos campos do saber, precisa assegurar aos alunos do Ensino Fundamental o acesso à diversidade de conhecimentos científicos produzidos ao longo da história, bem como a aproximação gradativa aos principais processos, procedimentos da investigação científica. (BRASIL, 2016).

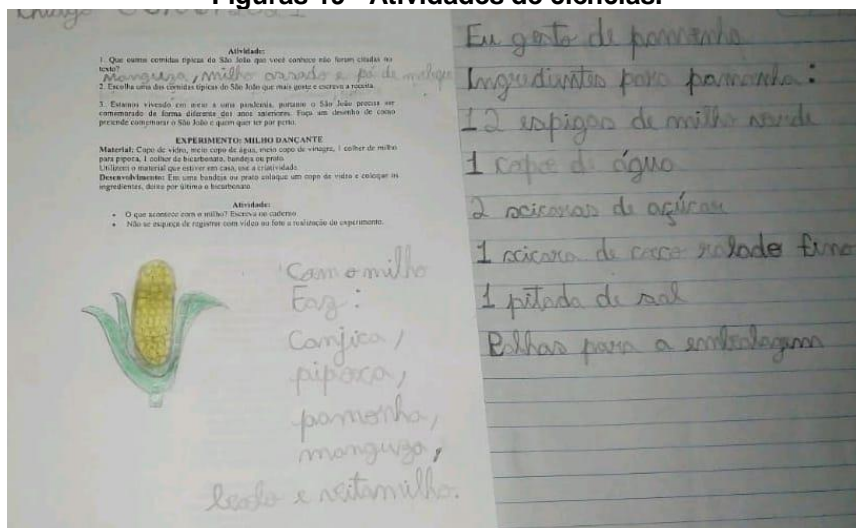
Figura 17 e 18 - Experimentos com reações químicas.



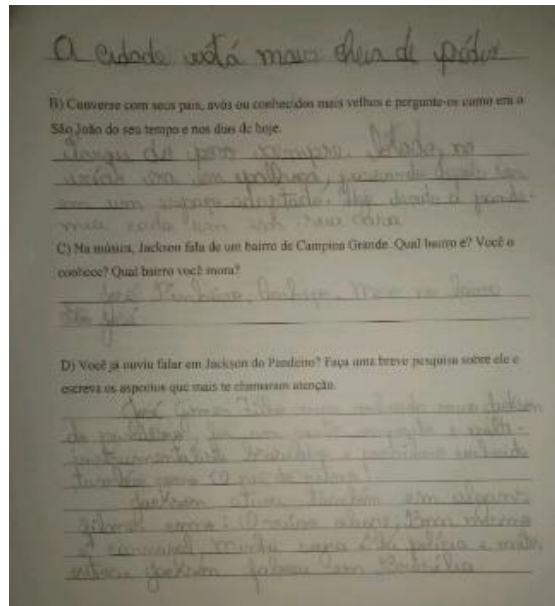
Fonte: Acervo pessoal

A quarta etapa foi a realização das atividades planejadas na área das Ciências Humanas, através do estudo da letra da músicas populares nordestina de Luiz Gonzaga, que tem uma estátua às margens do açude velho na cidade de Campina Grande, textos em versos e brincadeiras também foram usados. As atividades desenvolvidas também envolveram temas importantes para sociedade, como a respeito das transformações, paisagens e economias trazidas na musica “Alô Campina Grande” de Jackson do Pandeiro, que aborda questões culturais da região nordeste e do Maior São João do Mundo, festa popular da cidade de Campina Grande/PB, reconhecida em todo país, fizemos uma ligação entre como é descrito na música e como está o São João atualmente. Na disciplina de Arte, a música e a produção artística, foi possível trabalhar algo que ja esta presente em seu cotidiano, como as comidas típicas, danças, e brincadeiras referente as festa juninas.

Figuras 19 - Atividades de ciências.

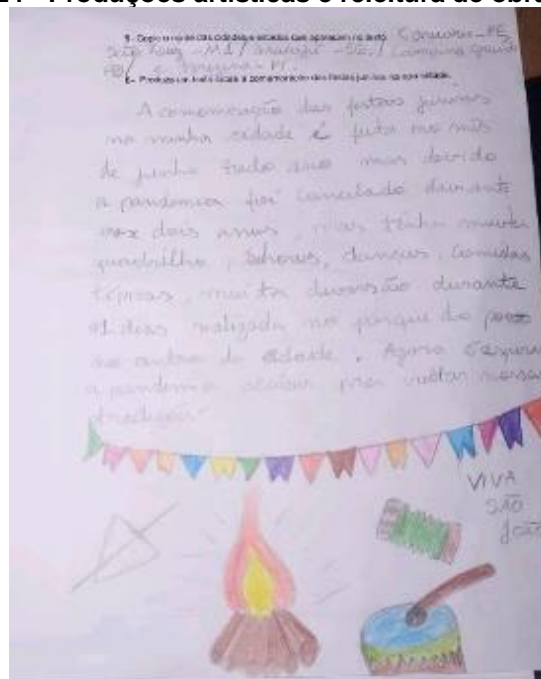


Fonte: Acervo pessoal



Fonte: Acervo pessoal

Figura 24 - Produções artísticas e releitura de obras de arte.



Fonte: Acervo pessoal

Com esses recursos foi possível incentivar e desenvolver a aprendizagem dos alunos, oferecendo atividades diversificadas, com intervenções pedagógicas e participação da família. É importante destacar que essas atividades só foram possíveis de realizar por conta da participação e do acompanhamento dos pais e mediação do professor, visto que, no processo de alfabetização é fundamental a intermediação do professor. Sobre essa relação, Biffi e Holanda (2015, p. 4) afirmam que: “a tecnologia mesmo super avançada, não substitui a interação e troca entre os

professores e alunos, e as e alunos, e as experiências e vivências não são sentidas da mesma maneira quando se está e m uma aula presencial e quando se tem uma aula por EaD”. Em momentos das chamadas de vídeo e trocas de mensagens, encontramos os alunos em situações diversas, como alegres, desmotivados, desconfortáveis, envergonhados, sem ajuda dos pais para realização das atividades, sem recursos tecnológicos, sem local adequado para estudo, situações que são corriqueiras em nosso cotidiano, mas foi preciso uma sensibilidade a mais por estamos todos passando por momentos de incertezas e riscos, assim aos poucos criamos vínculos que foram fundamentais e é algo extremamente importante no processo de escolarização.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato com a sala de aula proporcionou-nos muitos aprendizados e contribuição positiva para todos os envolvidos, com momentos ímpares para o crescimento da vida acadêmica e profissional no Programa da Residência Pedagógica. Através desse contato contínuo foi possível adentrar na sala de aula, compreender a necessidade da turma e do aluno, fazendo parte de etapas de planejamento, rotina, execução, trabalharem em grupo com troca de saberes, aprendêssemos a planejar aulas e sequências didática, desenvolver matérias/ recursos didáticos para utilização nas vídeo chamadas, conhecer as famílias dos alunos e os residentes puderam fazer uma relação entre teoria a prática partindo da realidade da sala de aula, das demandas e desafios que surgem no decorrer do processo de ensino e aprendizagem. Uma das contribuições mais importantes foi em torno das afetividades, que mesmo sem o contato físico foi formado um elo com muito carinho e respeito. As residentes foram sempre bem acolhidas pela professora Silvana e pelos alunos.

O campo de experiência, mesmo sendo adequado ao formado remoto, proporcionou um novo e diferenciado olhar sobre as práticas educativas e atividades pedagógicas para além da teoria, onde foi necessário um planejamento partindo de situações de contexto para contribuir com o aprendizado das crianças no processo de aquisição da leitura e escrita, em que aconteceram mudanças nos horários de estudos em que as horas de aulas foram reduzidas, seu espaço que antes era basicamente a sala de aula se tornou qualquer lugar da casa ou um lugar que contasse com o silêncio e boa conexão, matérias que passaram a serem introduzidos com celulares, computadores e tablets. Sendo fundamental que as matérias sejam acessíveis aos alunos, para pudêssemos ajudá-los nos processos de Alfabetização e Letramento.

Os desafios e as dificuldades que os professores/as enfrentaram a princípio está em não poder estar no “chão da escola” no processo de alfabetização que demanda esforço, dedicação, interação e socialização nesse processo complexo e de fundamental para os processos posteriores, a falta de políticas públicas municipais para assegurar o acesso aos recursos tecnológicos, dominar e usar tecnologias da informação e comunicação no cotidiano escolar, a falta de conhecimento sobre os recursos tecnológicos e de habilidades para usar tais

recursos numa perspectiva didáticos pedagógica, reinventar e readaptar em um curto espaço de tempo, sem ajuda do poder público, criar materiais didáticos diversificados, gravar vídeo aulas, nem tudo ocorria como havíamos planejado, e que foi nesse difícil contexto de pandemia e de ensino remoto que a experiência do programa Residência Pedagógica foi vivenciada.

Os efeitos e impactos no ambiente da Educação básicos vistos através da Residência deixaram claro o quanto a desigualdade educacional é prejudicial do lado de quem oferta (o professor) e do lado de quem recebe (o aluno), que mesmo a responsabilidade financeira seja da rede municipal, acaba sendo insuficiente e não atingindo de forma satisfatória a todos, necessitando de ajuda da rede Estadual e Federal, formação de professores e comunicação familiar, para que não tenha prejuízo na forma de ensino e aprendizado, a pandemia desmontou também que mesmo vivendo nem contexto social mediatizado pelas tecnologias de informação e comunicação, ainda é pouco vista na formação inicial e continuada de professores, e nem tampouco faz parte do cotidiano de escolas públicas. Uma das medidas a serem tomadas pelos governantes seria que ainda de forma remota e com ações emergenciais fossem ofertadas estratégias, lógicas e qualificação docente para um ensino de qualidade. Ainda, sentimos a necessidade de ver o ente público contribuindo com a alimentação dos alunos e repensando o papel da escola nesse caos social que se agravou com o período pandêmico.

Portanto, a fim de compreender os desafios encontrados na educação nacional atual, foi de grande importância o programa de Residência Pedagogia, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Através dele, podemos concluir que foi uma experiência desafiadora encontrada em alguns aspectos no decorrer das diversas etapas do processo, mas fundamental para o nosso aprendizado acerca do fazer docente, pois, nos permitiram refletir sobre as nossas práticas e entender que é refletindo sobre mesma, que vamos constituindo os saberes que constituem a identidade docente. Nota-se que, mesmo vivendo em uma sociedade com avanços tecnológicos, pode-se perceber que ainda existem famílias que não dispõem dessa tecnologia notoriamente, mas que se dispusera a se ajudar para o ensino remoto. Igualmente, esse novo modo de ensino, pode proporcionar a união familiar com o aluno e escola. Desta forma, o Programa contribuiu significativamente para fortalecer a formação inicial na licenciatura,

contribuindo para se repensar o papel social da escola e ampliando a parceria Universidade/escola pública.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Conceituando alfabetização e letramento**. In: SANTOS, C.F.; MENDONÇA, M. (Org). Alfabetização e Letramento: Conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2007;
- AZENHA, Maria da Graça. **Construtivismo: de Piaget a Emília Ferreiro**. Série Princípios. 8ed. – São Paulo: Ática, 2006.
- BARBOSA, José. Juvêncio. Alfabetização e Leitura. 2a Ed. rev. – São Paulo: Cortez, 1994;
- BARBOSA, Lina Rayane G. **Alfabetização em contexto remoto**: um relato de experiência da Residência Pedagógica/UEPB. Campina Grande, PB: UEPB, 2022;
- BECKER, Fernando. Da ação à operação: o caminho da aprendizagem. J. Piaget e P. Freire. São Paulo/PUSP. Tese de Doutorado, 1983;
- BOLZAN, D. P. V. **Interfaces da alfabetização**. Revista do professor, Porto Alegre-RS, v.15, n.57, p. 15-16, jan/mar, 1999;
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988;
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. BRASIL;
- BRASIL. **Nota de Esclarecimento**. Diário Oficial da União, Brasília: DF, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. 18 mar. 2020a;
- BRASIL. **Portaria no 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. ano 53, p. 39, 18 mar. 2020b;

BRASIL. **Portaria no 345, de 19 de março de 2020**. Altera a Portaria MEC no 343, de 17 de março de 2020. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, Ministério da Educação. Gabinete do Ministro, extra, n. 54-D, p. 1, 19 mar. 2020c;

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental (SEF). **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: SEF, 1997;

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF, 2017;

BIFFI, Patricia. HOLANDA, Angely. **Sobre educação e tecnologia, conceitos e aprendizagens**: busarello, Raul. BIEGING, Patricia. ULBRICHT, Vania. (org.). São Paulo. Editora: Pimenta Cultural. 2015;

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Edital 6**: Chamada Pública para apresentação de propostas no âmbito do Programa de Resistência Pedagógica. 2018. Brasília: Ministério da Educação, 2018;

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e a pratica. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010;

CORRÊA Vilma Reche. **Método silábico**: do passado à atualidade. In: Faria DS, organizador. Alfabetização: práticas e reflexões subsídios para o alfabetizador. Brasília: Universidade de Brasília; 2003;

COSTA, Natacha. **Opapel da educação integral em tempos de crise**. Centro de Referências em Educação Integral, 2020. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/o-papel-daeducacao-integral-em-tempos-de-crise-por-natacha-costa/>. Acesso em: 22 jul. 2021;

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 7 . Ed. São Paulo, Cortez, 1987;

Com todas as letras. São Paulo. Cortez, 2001;

Reflexões Sobre Alfabetização. São Paulo: Cortez, 1989;

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1986;

FRADE, Izabel Cristina Alves da Silva. **Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização:** perspectivas históricas e desafios atuais. Educação: revista do centro de educação - UFSM, 2007. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/>. Acesso em: 18 de outubro de 2022;

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** São Paulo: Paz e Terra, 1967. 157 p;

A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez, 1983;

Conscientização: teoria e pratica da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo, Moraes, 1980;

FREIRE, Paulo e MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990;

FREITAS, Lia. **A produção de ignorância na escola.** São Paulo, Cortez, 1986;

GARCIA, Regina Leite. **Aprender desaprendendo.** Fazendo artes. Fundação Nacional de Arte, Ministério da Cultura, 1988;

GROSSI, Esther Pilar. **Didática do nível pré-silábico.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990;

HODGES, Charles et al. The differencebetweenemergencyremoteteachingand online learning. EDUCAUSE. Review. 27 mar. 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning> .Acesso em:15 de outubro de 2022;

KRAMER, S. **As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e é fundamental.** Educ. Soc., v. 27, n. 96, p.797-818, out. 2006;

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura.** São Paulo: Brasiliense, 2006 – (Coleção primeiros passos; 138;

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização Possível: reinventando o ensinar e o aprender.** Porto Alegre. Mediação, 2009;

MORAIS, Arthur. Gomes. **Concepções e metodologias de Alfabetização: por que é preciso ir além da discussão sobre velhos “métodos”?** In: Anais do XIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Recife: UFPE, 2006. Disponível: <http://portal.mec.gov.br/se:>

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Alfabetização e letramento.** Construir Notícias. Recife, PE, v. 07 n.37, p. 5-29, nov/dez, 2007;

MORAN, José. **Internet e Ensino.** Comunicação e Educação, São Paulo, 1999;

MORTATTI, Maria Rosário. **Os sentidos da alfabetização.** São Paulo: Editora UNESP: CPNED, 2000;

Educação e letramento. São Paulo: UNESP, 2004. Disponível em: <<http://www.editoraunesp.com.br/catalogo/8571395594,educacao-e-letramento>>. Acesso em: 11 de setembro 2022;

História dos métodos de alfabetização no Brasil, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf Acesso em 11 de out. de 2022;

OLIVEIRA, Fábio et al. **A função social da escola**: uma reflexão na ótica de Paulo Freire. In: Educação: experiências diversas no contexto de pesquisa. SANTOS, Euzimar Gregório dos. (Org.). Liberus Editorial, João Pessoa, 2020;

PENTEADO, R. Z. e COSTA, B. C. G. **O trabalho docente com videoaulas em EaD**: dificuldades de professores e desafios para a formação e a profissão docente. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES). Educação em Revista [online]. 2021;

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 4 ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987;

RIOS, Zoé; LIBÂNIO, Márcia. **Da escola para casa**: alfabetização. Belo Horizonte: RHJ, 2009;

SOUZA. M. P. R. **Políticas públicas e educação**: desafios, dilemas e possibilidades. In: VIÉGAS, L. de S.; ANGELUCCI, C. B. Políticas públicas em educação: uma análise crítica a partir da psicologia escolar. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 229-243, 2006;

SOARES, Magda. **Como fica a alfabetização e o letramento durante a pandemia?** Entrevista no canal Futura. 08/09/2020. Disponível em <https://www.futura.org.br/como-fica-a-alfabetizacao-e-o-letramento-duranteapandemia>Acesso em 15 de março de 2022;

SOARES, Magda. **Letramento e Escolarização**. In: RIBEIRO, Vera Masagão(Org.) Letramento no Brasil. São Paulo. Capacidade de leitura para a cidadania, 2003;

Letramento e alfabetização: as muitas facetas, 2003;

Letramento: Um tema em três gêneros. Autêntica: Belo Horizonte – 2004;

Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento. Brasília, INEP/REDUC, 1989;

Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998;

Ler, verbo transitivo. In: PAIVA, A.; MARTINS, A.; PAULINO, G;

VERSIANI, Z. (Org.). **Leituras Literárias: discursos transitivos.** Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008;

Alfabetização e letramento. São Paulo: Editora Contexto, 2012;

VAL, Maria da Graça Costa. **Alfabetização e letramento.** In CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (Orgs). **Práticas de leitura e escrita.** Brasília: Mec, 2006.;

TEBEROSKY, Ana. **Aprender a ler e escrever: uma proposta construtivista.** Porto Alegre: 2003;

Letramento e Alfabetização, Cortez, 2007;

UEPB. RESOLUÇÃO/UEPB/CONSEPE/0229/2020 de 26 de junho de 2020, VERSÃO FINAL REVISADA PARA PUBLICAÇÃO. **Estabelece normas para a realização de componentes curriculares, bem como outras atividades de ensino e aprendizagem, orientação, pesquisa e extensão, por meio de atuação não presencial, na graduação, pós-graduação e no ensino médio/técnico, excepcionalmente durante o período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, por causa da pandemia da COVID- 19; altera o Calendário Acadêmico 2020.1 e dá outras providências.** Reitoria da Universidade Estadual da Paraíba, 2020, p. 1-13.